

Hyla arborea Linnaeus, 1758

Rela-comum

Ranita de San Antonio, Common Tree Frog

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Atribui-se geralmente à família Hylidae uma origem sul-americana (Savage, 1973). Daí teria migrado para a América do Norte e, posteriormente, para a Ásia, através do estreito de Behring, tendo finalmente atingido a Europa a partir do continente asiático. A sua chegada à Europa estaria associada ao fecho definitivo do Mar dos Urais, no Oligoceno Superior (Sanchíz, 1981). *Hyla arborea* foi descrita por Lineu, em 1758, sob a designação de *Rana arborea*, sem indicação da localidade-tipo. Considerada inicialmente a única espécie europeia do género viu, em tempos relativamente recentes, a elevação ao estatuto específico de algumas formas anteriormente consideradas suas subespécies, como, por exemplo, *H. savignyi*, *H. sarda* e a própria *H. meridionalis*, também presente em Portugal. Actualmente são apenas reconhecidas quatro subespécies de *H. arborea* (AmphibiaWeb, 2008): *H. a. kretensis*, presente nas ilhas do mar Egeu, Creta, Rodos e Peloponésia, e na região ocidental da Ásia Menor; *H. a. schelkownikowi*, ocorrendo na região do Cáucaso; *H. a. molleri*, única subespécie presente em Portugal e Noroeste de Espanha; e a subespécie nominal *H. a. arborea*, ocupando praticamente toda a região europeia na área de distribuição da espécie. *H. a. molleri* é um endemismo sub-específico da Península Ibérica, que foi descrito por Bedriaga (1890) a partir de exemplares de Portugal (Beira Litoral), com base em critérios morfológicos (Bedriaga, 1890). Contudo, a validade da subespécie é questionada, em particular por critérios bioacústicos (Schneider, 1974). Estudos genéticos revelam que as populações portuguesas de *H. arborea* apresentam um grau de diferenciação moderado, mas significativo, com uma estrutura populacional que se adapta a um modelo de populações discretas (Rosa, 1995). Pode pois pressupor-se uma estrutura demográfica em núcleos populacionais relativamente isolados, associados a pontos de água distribuídos descontinuamente (Malkmus, 1995a; Rosa, 1995).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Espécie que ocorre na Europa, à excepção da Irlanda, Noruega, Finlândia e grande parte da Suécia, e na Ásia Menor, na área compreendida entre os mares Negro e Cáspio. Está ausente de

algumas áreas de alta montanha, tais como os Alpes e os Cárpatos. A sua ocorrência na Grã-Bretanha deve-se a uma introdução (AmphibiaWeb, 2008). Na Península Ibérica ocorre na maior parte do Norte, Centro e Oeste, estando praticamente ausente da Andaluzia, da costa mediterrânica e dos Pirinéus orientais.

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

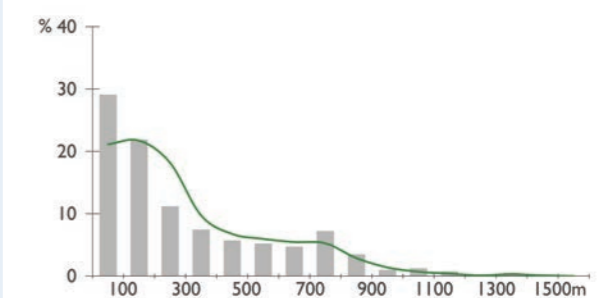
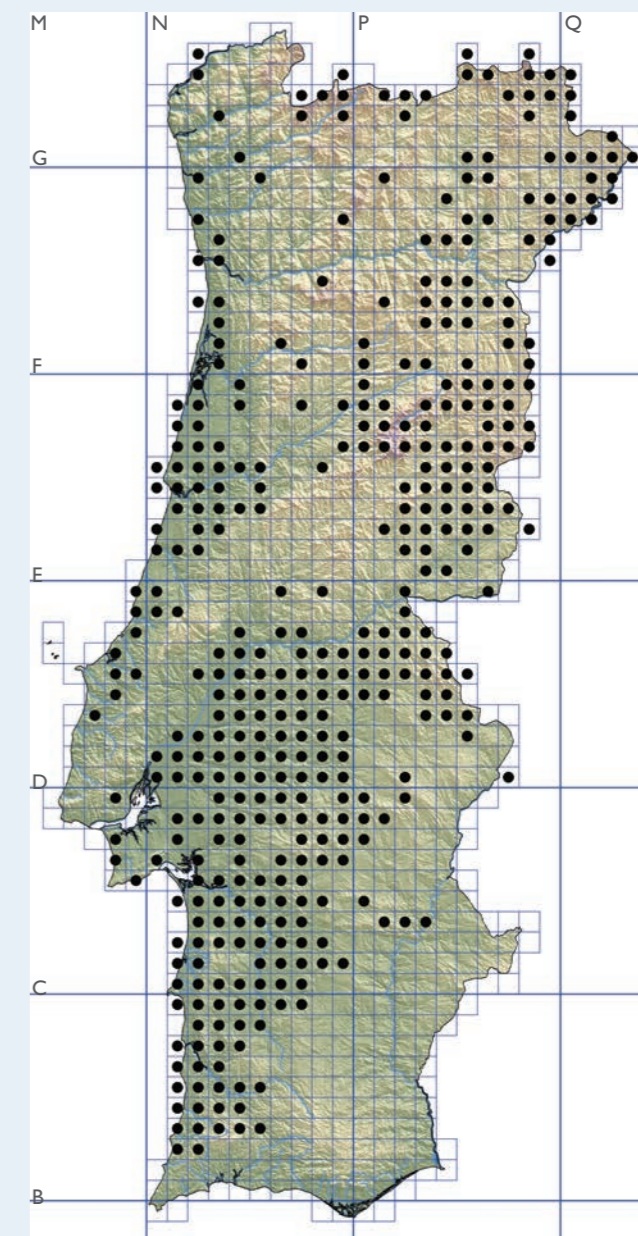
Distribui-se por todo o território continental, com excepção da região sudeste (Baixo Alentejo e Algarve). Está também ausente de grande parte da região fronteiriça a sul do Tejo, com excepção da Serra de S. Mamede, no Alto Alentejo. Ainda a sul deste rio, na bacia do Guadiana, há a salientar a ocorrência de um isolado populacional na região de Alqueva. A norte do rio Tejo, a distribuição de *H. arborea* é mais fragmentada do que a sul, com uma aparente descontinuidade entre as populações do litoral e as do interior. Ao longo da faixa litoral, desde a região de Torres Vedras até ao Porto, existe, tanto para sul como para norte destes locais, uma distribuição fragmentada. Para norte surgem apenas alguns isolados, nomeadamente na zona litoral da Póvoa do Varzim, bem como nas bacias dos rios Minho, Lima e Cávado. Para sul, na Estremadura, é encontrada unicamente na região de Loures. Da mesma maneira, entre a faixa litoral e a região fronteiriça a norte do Tejo, onde está bem representada, surge um hiato, onde podem apenas ser encontrados alguns isolados populacionais, mais a norte, nas Serras da Padrela e do Alvão, e no centro, nas Serras do Caramulo e da Lousã. No extremo norte do país, esta espécie está presente nas serras do Gerês, Barroso e Montesinho. Nalgumas regiões ocorre em sintopia com *H. meridionalis* (Crespo, 1972b; Malkmus, 1982a; Crespo & Oliveira, 1989; Malkmus, 1995a). Situações de sintopia podem ser observadas, por exemplo, em Porto de Mós, Loures, Santiago do Cacém, Odeceixe e na Serra de S. Mamede. Nas proximidades desta última região foi detectado, através do canto de acasalamento, um híbrido natural estéril de ambas as espécies que apresentava características intermédias relativamente às vocalizações de cada uma (Oliveira et al., 1991; Rosa, 1995). Esta espécie pode ser encontrada desde o nível do mar até aos 1800 m, na Serra da Estrela (Ferrand de Almeida et al., 2001). Ocorre em zonas húmidas com vegetação abundante,

normalmente nas proximidades de cursos de água, charcos, lagoas e prados húmidos. Possuem discos adesivos nas extremidades dos dedos, têm hábitos trepadores e utilizam a vegetação como refúgio.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Hyla arborea é uma espécie em franco declínio na maior parte da Europa Central e do Norte (Fog, 1988; Stumpel & Tester, 1993; Vos & Stumpel, 1995). Também na Península Ibérica se regista um declínio da espécie, em particular nas regiões mais áridas, em virtude da destruição ou alteração dos seus locais de reprodução (Márquez, 2002). Em Espanha, as populações periféricas encontram-se em regressão, principalmente na parte meridional da sua distribuição e nas zonas baixas. As populações do sudeste e sudoeste da Península apresentam um elevado grau de isolamento e vulnerabilidade, pelo que a espécie foi classificada em Espanha com o estatuto de “Quase Ameaçada” (Márquez, 2002). Em Portugal, apesar de esta espécie não ter sido considerada ameaçada (Oliveira et al., 2005a), podem existir populações localmente em declínio, à semelhança do que ocorre em Espanha, em particular nos isolados populacionais do Douro Litoral e do Minho, áreas de crescente urbanização. Também os pequenos isolados das Serras da Padrela e do Alvão se podem considerar ameaçados, dada a sua reduzida dimensão e a distância considerável às populações mais próximas. A drenagem de charcos e a destruição da vegetação circundante, a intensificação da agricultura com forte recurso a pesticidas, levando à contaminação de zonas encharcadas, bem como a introdução de espécies exóticas, são importantes factores de ameaça para a rela-comum (Pargana et al., 1996; Rosa & Crespo, 1997), conduzindo à destruição e à fragmentação do seu habitat. Um exemplo de destruição de habitat com consequências para este anfíbio foi a construção da barragem do Alqueva, a qual submergiu uma parte da área de distribuição do isolado populacional encontrado nesta região. A conservação de *H. arborea* depende em boa parte da disponibilidade e qualidade dos pontos de água e da vegetação ribeirinha que constituem o seu habitat (Márquez, 2002), pelo que a sua manutenção em bom estado de conservação é essencial. Por outro lado, e dada a eventual estrutura metapopulacional que apresenta, seria importante assegurar condições de dispersão entre núcleos populacionais (Sjögren, 1991; Rosa, 1995).

Maria Elisa Oliveira e João M. Pargana



Nº quadrículas	% Portugal	% Global	LVVP
402	39,9%	2%	LC



PhG



CC



CC